



RESSONÂNCIA, ECO E OUTROS MODOS DE PROPAGAÇÃO DE AFETOS

Tato Taborda¹

RESONANCIA, ECO Y OTROS MODOS DE PROPAGACIÓN DE LAS AFECCIONES

RESONANCE, ECHO AND OTHER MODES OF PROPAGATING AFFECTIONS

1 Tato Taborda é compositor, intérprete e curador de eventos dedicados à experimentação musical. Professor do curso de Artes e da Pós-Graduação Estudos Contemporâneos das Artes PPGCA na UFF. Doutor em composição pela Unirio com a tese “Biocontraponto: como aprendemos contraponto com os sapos”. Publicou em 2021 o livro “Ressonâncias: vibrações por simpatia e frequências de insurgências” pela Editora UFRJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5444189855425611> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9043-1768> E-mail: taborda.tato@gmail.com

RESUMO

O texto apresenta reflexões a partir do livro “Ressonâncias: vibrações por simpatia e frequências de insurgências”, publicado pela Editora UFRJ, em 2021. Ressalta-se que a ressonância ou vibração por simpatia é, inicialmente, um fenômeno acústico em que corpos entram em vibração espontânea a partir de sua afinidade com frequências de outros corpos. No entanto, as manifestações desse modo relacional transcendem a acústica, designando verdadeiras usinas de criação (e destruição) de mundos, sejam eles objetivos, como as formas no universo observável ou subjetivos, constituídos por frequências de afeto postas em relação responsiva. Entrar em ressonância é deixar-se arrebatado pela identificação de que a frequência de um corpo externo corresponde à sua própria, presente em latência. Se a ressonância pode desintegrar pontes ou levar taças de cristal à catástrofe, um enxameamento de práticas ressonantes pode alcançar potência suficiente para também fazer ruir outras estruturas.

Palavras-chave: práticas ressonantes; vibração por simpatia; frequências de insurgências

RESUMEN

The text presents reflections based on the book “Resonances: vibrations by sympathy and frequencies of insurgencies”, published by Editora UFRJ in 2021. It should be noted that resonance or vibration by sympathy is initially an acoustic phenomenon in which bodies spontaneously vibrate based on their affinity with the frequencies of other bodies. However, the manifestations of this relational mode transcend acoustics, indicating true machineries for the creation (and destruction) of worlds, whether objective, such as the forms in the observable universe, or subjective, made up of frequencies of affection placed in a responsive relationship. To enter into resonance is to allow oneself to be caught up in the identification that the frequency of an external body corresponds to one’s own, present in latency. If resonance can disintegrate bridges or lead crystal bowls to catastrophe, a swarm of resonant practices can reach sufficient power to collapse other structures as well.

Keywords: resonant practices; vibrations by sympathy; insurgency frequencies

ABSTRACT

The text presents reflections based on the book “Resonances: vibrations by sympathy and frequencies of insurgencies”, published by Editora UFRJ in 2021. It should be noted that resonance or vibration by sympathy is initially an acoustic phenomenon in which bodies spontaneously vibrate based on their affinity with the frequencies of other bodies. However, the manifestations of this relational mode transcend acoustics, indicating true machineries for the creation (and destruction) of worlds, whether objective, such as the forms in the observable universe, or subjective, made up of frequencies of affection placed in a responsive relationship. To enter into resonance is to allow oneself to be caught up in the identification that the frequency of an external body corresponds to one’s own, present in latency. If resonance can disintegrate bridges or lead crystal bowls to catastrophe, a swarm of resonant practices can reach sufficient power to collapse other structures as well.

Keywords: resonant practices; vibrations by sympathy; insurgency frequencies

1. Introdução

No início do período de isolamento social, me mudei para uma pequena casa em uma propriedade rural situada na região de Nova Friburgo, a 1100m de altitude e 200 km da cidade do Rio de Janeiro, cercado e protegido por uma floresta nativa tão restauradora quanto alheia ao drama que se desenrolava na metrópole, agora uma cidade-fantasma. Na pequena cápsula suspensa nas montanhas da Serra do Mar recebia à distância informações sobre a evolução da pandemia e suas trágicas consequências. As notícias chegavam através de podcasts políticos sintonizados por um dispositivo que transduzia as ondas de rádio em banda dupla de signos e energia, propagados tanto no espaço acústico da sala como no espaço afetivo de meu encordoamento interior, ativando vibratilidade em ambos. As ondas traziam informações sobre os movimentos nos dois campos em disputa, duas ondas de polaridade inversa que, naquele momento, chacoalhavam o terreno político e social no Brasil de forma altamente polarizada. Distanciado pela emergência sanitária, impossibilitado de qualquer ação no terreno concreto das ruas esvaziadas, restou-me observar a distância o modo de relação entre os agentes que operavam essas forças antagônicas e como essas duas ondas me afetavam, direta e diferentemente. O contraste entre a natureza das frequências de afeto emitidas pelos dois campos, a diferença entre os modos de propagação dessas frequências e, principalmente, dos modos de relação entre seus agentes, sugeriu uma possível correspondência entre esses modos e duas categorias no campo sonoro, o eco e a ressonância. Essa afinidade entre modos de relação semelhantes em âmbitos distintos como o sônico e o sócio-político, me estimulou a investigar essas categorias do sonoro como possíveis chaves de leitura, instrumentos conceituais, índices para aferição da qualidade vibrátil das frequências de afeto e seus agenciamentos nos dois campos em disputa.

Tratava-se, então, de uma aposta de que a diferença da qualidade vibrátil nas relações entre agentes de campos minoritários mas agenciados de modo ressonante poderia operar, de forma sutil mas decisiva, desvios na trajetória retilínea e conservadora do corpo majoritário, historicamente hegemônico, ativando por simpatia frequências de afeto em latência no “encordoamento interior” desse corpo hegemônico, então instalado no centro do poder político.

Hoje, passados quatro anos do período em que o livro foi escrito, pode-se dizer que, por um lado, a aposta inicial se confirmou, com uma modulação importante no “tom do tempo” ao final de 2022, dissipando em parte, a “névoa tóxica” a que se referiu Paul B. Preciado. Em uma paráfrase invertida de um trecho de canção de Cole Porter, modulou “de menor para maior” a partir da eleição, no final de 2022, do campo político oposto ao que estava no poder quando o livro foi escrito. Essa modulação não significou, no entanto, pausa ou *decay* no entrechoque das forças. Os dois campos seguem em disputa mas, agora, sobre uma textura de fundo menos opaca e sombria que a anterior. Assim, novas ferramentas conceituais precisam ser adicionadas à caixa para dar conta da complexidade dos cenários que têm se configurado desde então. Ferramentas talvez derivadas de outros campos além do sonoro, como, por exemplo, a biologia. Nesse sentido, o conceito de Umwelt proposto pelo etólogo Jakob von Uexküll pode ser útil à reflexão sobre os “mundos próprios” de indivíduos e grupos que, independentemente da mudança de “tom”, seguem ainda impermeáveis a qualquer signo aferente que venha de fora de suas bolhas cognitivas. Seus equipamentos sensório-cognitivos seguem calibrados nos mesmos parâmetros de antes, não se alterando no pós-modulação. Aferrados a teorias conspiratórias nutridas por desinformação massiva, o ímpeto desses grupos pouco arrefeceu desde então. A desinformação, amplificada pela arquitetura de algoritmos que impulsionam e engajam sinais de ódio, continuou a circular no interior das bolhas

com intensidade e virulência suficiente para encorajar a tentativa de um golpe de estado em 8 de Janeiro de 2023, uma semana após a posse do novo governo, num eco bizarro da invasão ao Capitólio americano em Janeiro de 2020. Se antes da modulação os sinais de ódio eram irradiados a partir do centro de poder político e impulsionados por um consórcio de indivíduos e robôs, agora, os sinais vinham de fontes difusas no espaço digital. No entanto, como antes, seus agentes seguiram ecoando sinais de forma acrítica, ondulando como moléculas de ar na transmissão do som, que dão passagem à vibração sem deslocar sua posição no vetor da propagação. A surdez seletiva de quem transita exclusivamente no interior dessas bolhas de dissonância cognitiva coletiva evoca também a experiência em uma estrutura dedicada ao sonoro, a câmara anecóica. Ao longo dessa última década, tenho levado alunos para visitar uma câmara no *campus* do Inmetro², para que experimentem em primeira pessoa a impossibilidade de silêncio acústico. No entanto, antes da ansiada possibilidade de escutar as duas frequências referidas por Cage, vias da *musica humana* proposta por Boethius no século V, uma experiência marcante já acontecia no momento em que a pesada porta da câmara era fechada. O gesto de quem fecha a porta por fora opera em quem está dentro uma inversão psico-sensória súbita e inquietante, um sentimento radical e, para muitos, inédito, de ausência de mundo e presença de si. O susto provocado por essa inversão, alerta para a instintiva necessidade da existência de algum nível de ruído externo, por mínimo que seja, para nos sentirmos parte de um mundo, qualquer mundo e não segregados dele, alheios e imersos em nossos mundos-próprios, insulados nas bolhas impermeáveis de nossas certezas individuais, junto daqueles que as ecoam de forma acrítica.

2 Instituto Brasileiro de Metrologia, situado em Xerém, Rio de Janeiro.

2. Dos modos de relação

Os estudos sobre o som e a escuta desenvolvidos na última década têm expandido a sua compreensão para regiões muito além da físico-acústica e da fisiológica. Escutas para além do ouvido e do corpo, escutas da periferia, capazes de registrar frequências que soam nas bordas e pelas frestas do corpo social majoritário. O som e a escuta usados como fontes no desenvolvimento de ferramentas conceituais e políticas, capazes de identificar e amplificar frequências de insurgência emitidas por corpos sociais minoritários, para excitar vibratibilidade em frequências afins mas em latência nos corpos majoritários, provocando com isso desvios nas suas trajetórias retilíneas e conservadoras de tempos em tempos, como ocorreu no Brasil de Outubro de 2022.

Inicialmente, no esforço de identificar os modos com que o pensamento sônico pode produzir ferramentas conceituais capazes de operar esses desvios, cabe uma reflexão que parte do som enquanto matéria sensível mas que cruza a borda externa de sua dimensão físico-acústica. Ali, no terreno fronteiro entre o audível e o inaudível, encontra-se o que dele pode ser extraído e deslocado a outros campos, expandindo a noção sobre **o que o som é** na direção da “consideração e reflexão sobre **o que é que o som faz**, como ele se comporta e performa”, como propõe Brandon LaBelle (2022, p. 3). O próprio esforço de “pensar o som” já propõe, de partida, uma espécie de paradoxo semiológico. Isso porque o som tomado como distúrbio que ondula moléculas de meios-matérias, propaga-se por elas e se oferece à escuta é, normalmente, referido como um dado concreto da realidade objetiva, um evento observável, um fenômeno. Nesse sentido, não haveria algo como o “som como coisa em si” e, mesmo que houvesse, não teríamos acesso a esse *ding an sich* kantiano mas, apenas, aos efeitos desse distúrbio quando manifestados em corpos vibrando no tempo e no espaço.

No entanto, no avesso do que é concreto em partículas de meios-matérias postas em ondulação, a produção do fenômeno sônico resulta de algo abstrato, intangível pelos sentidos. Na face oculta do som-enquanto-coisa, estão **modos de relação**, modos de engajamento entre corpos vibrantes. São precisamente esses modos de agenciamento entre diferentes corpos em interação vibracional que, descolados da materialidade de corpos específicos, podem ser transpostos para relações entre agentes de outros campos, aplicados a sistemas de relações entre agentes de outras naturezas. Tomemos o exemplo de uma voz cantando no interior de uma grande catedral gótica. A primeira consideração, ainda no plano do fenômeno, é que a duração do som percebida já se distingue, inicialmente, da duração do som emitido. Supondo que a nota cantada dure 1 segundo, emitida em espaço com tal volumetria a duração percebida pode chegar a 9 segundos. No entanto, o que escutamos dessa interação de dois corpos vibrantes, é apenas o aspecto sensível de um **modo de relação** particular entre eles. No caso, entre um corpo emissor, a voz e um corpo ressonante, a catedral, que molda o som da voz com suas propriedades físico-arquitetônicas particulares. Assim, se o som produzido e escutado constitui-se em fenômeno concreto, o modo de relação implícito em sua produção não o é. Da mesma forma, quando uma voz grita na direção de uma parede ou montanha e seu sinal retorna ao ecoar nela, no avesso do fenômeno está outro modo de relação particular entre corpos, onde um emite e outro devolve o sinal emitido sem modificá-lo. Ainda, quando duas vozes cantando juntas se encontram no modo mais absoluto de sincronismo, o uníssono, outro modo de relação está implicado, em que dois corpos tendem a dissolver suas identidades pelo sincronismo entre suas frequências. Qualquer pequeno desvio na frequência de um desses corpos modifica imediatamente o modo de relação entre eles, gerando batimentos e criando dissonância no plano do fenômeno mas, principalmente, fazendo emergir singularidades até então amalgamadas pelo uníssono, no que concerne ao seu modo de relação. No caso

da microfonia, para além dos efeitos acústicos criados pela realimentação de um sinal, está o modo de relação em que um sinal enclausurado em sistema fechado empaturra-se dele próprio até a saturação. Esses exemplos podem expandir-se consideravelmente se observarmos os diferentes modos de relação implícitos em termos como acorde, harmonia, polifonia, polirritmia, sintonia ou timbre, entre outros. Se, ao invés dos corpos e dos efeitos acústicos de sua interação, pensarmos apenas nos distintos modos de relação que engajam esses corpos (ou sons, vozes, vias, parciais harmônicos, etc) em cada um os termos acima, chegaremos a um conjunto de modelos abstratos de comportamento entre agentes que, como tal, podem ser aplicados a outros corpos e sistemas de relações em outros âmbitos.

Dessa forma, reconhecendo o som como um evento eminentemente **relacional** e que os termos relativos ao som e à música acima podem referir-se a modos de relação entre corpos, independentemente da natureza desses corpos, em que medida esses modos se aplicariam a outros sistemas de corpos, singulares ou sociais, humanos ou de outras espécies e reinos, relacionados em agenciamento ressonante a partir das frequências de afeto que emitem e recebem?

3. Ressonância (em campo expandido)

Ressonância: vibração espontânea por afinidade de frequências, acústicas e de afetos; abandono irresistível do repouso de um corpo afetado pela frequência de outro, que é a sua própria frequência; devolução de afetação recebida em nova afetação, que enlaça corpos em um ciclo virtuoso; vibração por *sim-patia*, por *co-moção*, por *com-paixão*, que põe corpos em relação mutuamente responsiva sem dissolver suas identidades; deslocamento de si na direção de um outro de si, que é um outro si;

modo de relação entre corpos que pode, eventualmente, se desdobrar em catástrofe; disposição à catástrofe; o mesmo que dispara vibratilidade em um mesmo-outro que lhe devolve impulso em espiral ascendente de consequências imprevisíveis; vibrações afins de corpos em abandono à incerteza; *co-vibração* de semelhantes que se desdobra em séries de pura diferença; simétrico oposto da alienação; versão insurgente e insubmissa do eco, da reverberação e do *loop*; usina que produz sinergia entre corpos *em-patizados*; corpos em estado irresistível de apaixonamento; modo relacional que irradia gratuidade, desinteresse, espontaneidade e devolução, mas que é vulnerável a dispositivos abafadores que, eventualmente, podem silenciá-lo.

Mas por que a ressonância? Qual o sentido de se pensar esse princípio como um índice para avaliar práticas e modos de relação que têm germinado como insurgência a práticas de abafamento, práticas que têm proliferado em âmbito planetário nos últimos anos, alçadas a posições de poder institucional, aplicadas ao desmonte de qualquer estrutura de cuidado com o que é intrinsicamente frágil e à filtragem subtrativa de qualquer frequência dissonante?

Sem a pretensão de dar resposta à essas perguntas, propõem-se aqui que o princípio da ressonância, pensado nesse campo estendido de significado, possa aplicar-se à relações entre quaisquer entes vibráteis, independentemente das diferentes ordens a que pertençam – físico-acústicos, orgânicos, inorgânicos ou tecnológicos. Da mesma forma aplica-se, para além dos corpos físicos, à estruturas de pensamento, percepções ou “frequências de afetos” (Rolnik, 2018, p. 140) postas em vibratilidade espontânea por identificação com frequências idênticas emitidas por outros corpos, estruturas e afetos, na condição de que essas mesmas frequências já existam, em tensão mas latentes, no *encordoamento interior* desses corpos. Evitando qualquer psicologização do termo em um movimento de expansão tão amplo que abarca acústica e afetos em um mes-

mo arco, “ressonância não diz respeito a um estado emocional, e sim a um modo relacional no qual sujeito e mundo colocam-se numa relação responsiva” (Rosa, 2019a, p. XL). Modos relacionais ressonantes, seja entre corpos da mesma ordem ou corpos de uma ordem com corpos de outra ordem, não se diferenciam, portanto, no princípio comum que os põe em relação responsiva. “Em relações de ressonância, os sujeitos são tocados (afetados) por um *outro*, o qual os refere e lhes *diz* algo” (Rosa, 2019a, p. XL; grifos do original). Os corpos que se engajam nesses modos são igualmente passíveis, independentemente da ordem a que pertençam, de abandonar o repouso se expostos a frequências emitidas por outros corpos, desde que essas mesmas frequências já os habitem em repouso. Assim, mais do que passíveis, corpos postos em vibração simpática não possuem qualquer imunidade ou defesa em relação às frequências que os afetam, não lhes restando alternativa a não ser a de *co-vibrar* com os corpos que emitem suas frequências latentes. Esse exercício de expansão se inicia com um convite a um deslocamento de sentidos. Afinal, se as perguntas no início deste texto se apoiaram em imagens associadas metaforicamente à visualidade ou ao que a obstrui, como a névoa, a neblina, a poeira, a fumaça ou as sombras, talvez as respostas possam ser buscadas com instrumentos e atributos de algum outro sentido.

4. Ouvi(ve)r

O bloqueio de um sentido hegemônico como a visão afeta o movimento em dois aspectos: primeiro, provoca sua desaceleração, levando-nos, como sugere Paulinho da Viola (1975) em “Argumento”, a fazer “como o velho marinheiro que durante o nevoeiro leva o barco devagar”. Segundo, aguça em caráter defensivo outros sentidos para compensar a obstrução da visão, nos faz tatear o terreno e, principalmente, escutar o

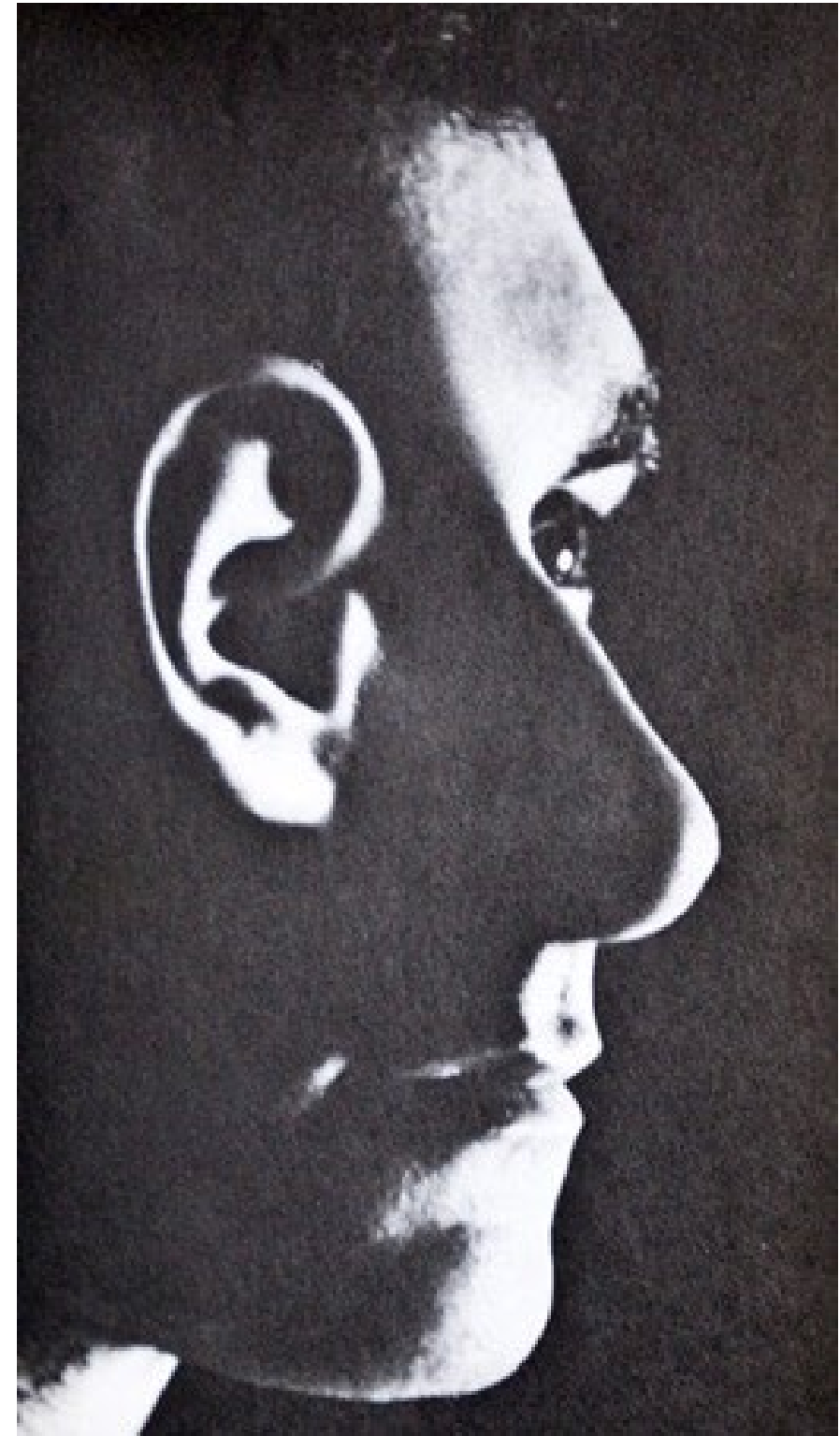


FIGURA 1.

que nos rodeia antes do próximo passo. Na baixa visibilidade do emaranhado-floresta, como diz o caçador Yanomami ³ a visão colapsa diante da mata cerrada e “quando você vê a onça... já é tarde demais” (Santos, 2013). Na falência da visão, a escuta emerge, restituída a seu papel ancestral de instrumento de defesa da espécie na escuridão das cavernas, alertando o caçador sobre a proximidade do predador. O compositor Rodolfo Caesar, ainda nos anos 1990, pinçou em um texto de Nietzsche uma citação que tem reaparecido, como um refrão ou *loop*, em diversos de seus textos desde então. Não resisto, visto que ressonância é fenômeno da ordem do irresistível, a deixar ressoar aqui esse mesmo fragmento, que conjuga escuta, sombra e receio no caldeirão primordial de onde, para Nietzsche, via Caesar (2016), a música emergiu:

Aparelho tão íntimo das sombras e da escuridão, “o ouvido, este órgão do medo, só alcançou tanta grandeza na noite e na penumbra de cavernas obscuras e florestas, bem de acordo com o modo de viver da era do receio” [...]. “Na claridade do dia o ouvido é menos necessário. Foi assim que a música adquiriu o caráter de arte da noite e da penumbra”. (Caesar, 2000, p. 42).

A partir da evocação do caráter de “arte da noite e da penumbra” da música, que Rodolfo Caesar colhe do aforismo de Nietzsche, convoco a escuta além da fisiologia e a música além do acústico como instrumentos de navegação na “penumbra de cavernas obscuras” em que parece que estamos. Nesse deslocamento da matéria à metáfora incluo também o princípio da ressonância como uma bússola, um índice de aferição da qualidade vibrátil das relações que entabulamos com o mundo, um fio de Ariadne que possa nos guiar para fora do labirinto de relações mudas e

³ Relato ouvido de um xamã Yanomami, durante estada na aldeia de Watoriki, em maio de 2008, como preparação para a composição da ópera *A queda do céu*. Ver o relato completo do processo em Santos (2013).



FIGURA 2.

dispositivos abafadores que nos atingem em ondas, inoculando nos corpos que vibram por simpatia uma certa imunidade às paixões tristes que essas ondas produzem. Afinal, mesmo que não possamos ver a onça que nos rodeia, podemos ouvi-la, escutar seus esturros, ouvir sua respiração, sentir seu hálito, perceber seu movimento para recalcular o nosso e escapar de seu bote. Ou ainda, como fez o menino Yanomami da figura 5, buscar uma posição mais alta que nos liberte da cegueira ao rés do chão.

5. Ondas: sincronismo e devir-catástrofe

O som se move em ondas. Também a luz, os boatos, a paixão, a atividade elétrica no cérebro, o ódio, a libido e as *fake news*. Ondas são distúrbios que se propagam no espaço-tempo através de um determinado meio (Kneubühl, 1997, p. 331). Ondas modulam o meio em que se propagam. Transportam energia sem deslocar as partículas do meio que ondulam, que se flexiona elasticamente, ondula, para dar passagem à energia. Forma pura, ondas não são, em si, matéria, mas um encrespar-precipitar do meio-matéria para condutividade de energia. Onda tampouco é energia, mas um entumecer-desinchar, tensionar-distender, contrair-dilatar de intensidade que faz com que a energia se mova através de meios-matérias. A onda se desloca, se propaga, mas o meio que ela ondula não. Onda é o modo de operação da energia para se desdobrar em movimento. Tudo que se move, ondula.

O vento produz ondas na superfície do mar. Terremotos na profundidade dessas superfícies produzem *tsunamis*. No mar, toda onda é um devir-catástrofe. Mas não só no mar. Em 7 de novembro de 1940, às 10h20 da manhã em Tacoma, nos Estados Unidos, um vento de 42 mph (68 km/h) começa a soprar na direção de uma enorme ponte pênsil inaugurada quatro meses antes. A velocidade do vento encontrou a nota exata

Figure VI-11b

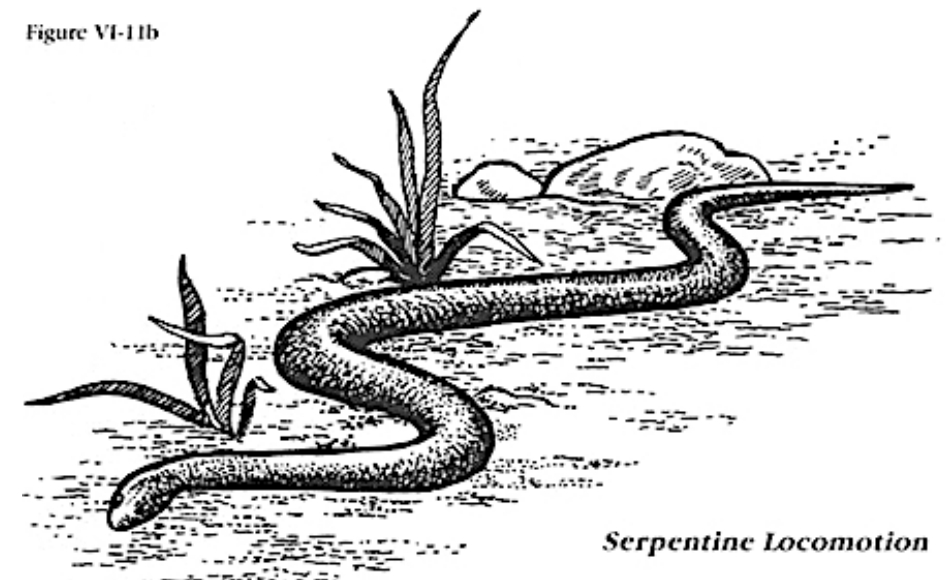


FIGURA 3.

daquela corda gigantesca, não deixando à ponte outra alternativa que não a de vibrar em ressonância ao seu afinado assobio. Naquela manhã de inverno em Tacoma, o vento parecia ter fôlego infinito, soprando sem parar por quarenta minutos enquanto a ponte, *co-movida*, ondulava em excitação crescente. Se o vento hesitasse ao menos um instante, mudasse de direção atraído por algum outro corpo, a ponte podia se recuperar e voltar ao eixo de sua estabilidade. Mas voltar ao eixo não é tão excitante. É paixão triste se comparada àquela que excita a ponte. O vento fazia a ponte se contorcer em êxtase *torsional*, como fazem corpos que se amam, até que, às 11 horas, o corpo-ponte finalmente explodiu em gozo-catástrofe, enquanto o vento continuou assobiando a 42 milhas por hora, espalhando pedaços da ponte sobre um rio que ela não atravessava mais.

A ressonância pode ser pensada como um modo relacional que torna explícito um sincronismo implícito. Um modo que ativa corpos independentes e os coloca em mútua responsividade pela identidade entre as frequências que os habitam em latência e outras, idênticas e externas. Apesar disso, sincronismo não é sinônimo de ressonância. Se a ideia de sincronismo implica a fusão das potências individuais em potência coletiva definida pela soma aritmética das partes, um sistema ressonante implica um *plus* energético que não se explica apenas pela soma das partes. Às potências individuais soma-se uma energia de caráter *relacional*, uma *sin-ergia* que é precisamente o que adiciona imprevisibilidade a um sistema ressonante, em relação a um sistema de corpos agindo em sincronismo, cuja potência final pode ser prevista se as potências individuais forem dadas. A ação sincronizada de corpos implica, por um lado, o reforço de laços horizontais entre eles, como na sensação calorosa de cantar em uníssono com outros, de corpos dançando ou de músicos tocando em sincronismo. No entanto, esses laços só se estabelecem se coordenados verticalmente por um comando unificante, que pode ser o



FIGURA 4.

beat da música com que se dança ou o metrônomo ou batuta do regente que normatizam o andamento. Esse comando também pode vir do interior desses corpos, de seus marca-passos internos (Thaker *et al.*, 2008, p. 1-5), que, entretanto, devem estar em constante negociação uns com os outros para que, juntos, alcancem um resultado unificado, supraindividual. Por outro lado, sincronizar também implica somar potências para gerar poder. Poder de ameaça, de dissuasão, o poder do sincronismo de bando. Em ambos os casos, seja no reforço dos laços horizontais ou do poder que se impõe pela verticalização de ações coordenadas, o sincronismo tem como efeito colateral a dissolução de identidades individuais e sua fusão em bloco único. Nesse sentido, se o sincronismo está mais próximo do bloco compacto ou da massa organizada, a ressonância tem mais afinidade com a multidão, na medida em que, como ocorre em sistemas ressonantes, “a multidão está engajada na produção de diferenças, invenções e modos de vida. Deve, assim, ocasionar uma explosão de singularidades. Essas singularidades são conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. [...] A multidão é a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento” (Negri *apud* Brown; Sezman, 2006).

Uma imagem marcante que contrapõe sincronismo e individuação aconteceu na década de 1980, em um dos monumentais desfiles militares na antiga União Soviética. A câmera mostrava o imponente Exército Vermelho organizado em brigadas e divisões de espantosa regularidade, marchando em sincronicidade maquinal para celebrar alguma data histórica importante. De longe aqueles milhares de soldados pareciam formar um só bloco, que pulsava maquinalmente demonstrando ao mundo a amplitude de seu poder. No entanto, o cinegrafista que filmava o desfile percebeu no meio daquela impressionante regularidade um pequeno ruído visual, uma mancha que destoava do bloco. À medida que aproximou a imagem em *zoom*, o “ruído” revelou-se como um soldado

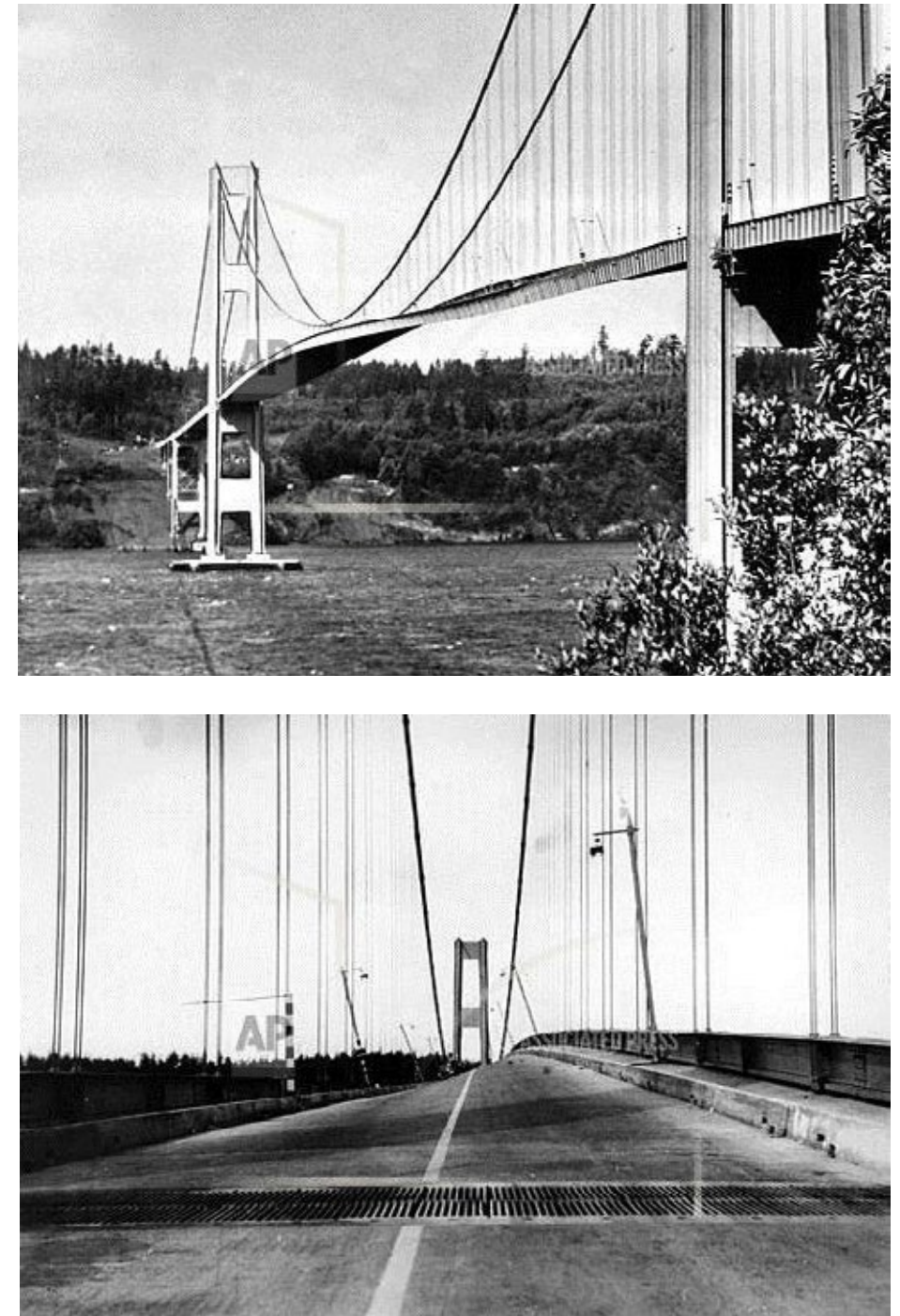


FIGURA 5.

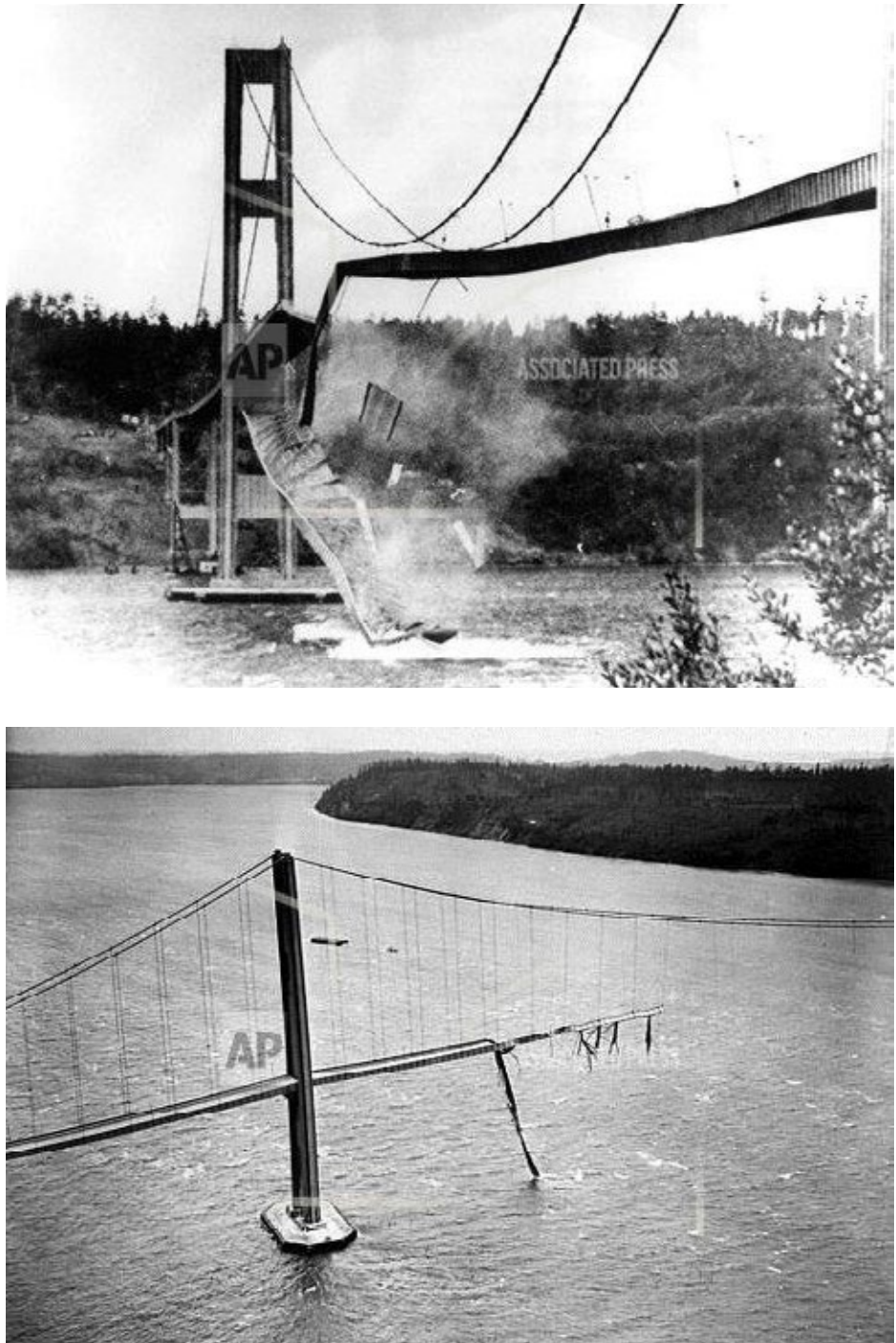


FIGURA 6.

totalmente bêbado, marchando em seu próprio tempo, tropeçando, esbarrando e sendo atropelado pelos companheiros de armas, que o ignoravam e seguiam disciplinados com seus passos de ganso. Naquele momento pareceu que, entre aqueles milhares de homens marchando em sincronismo, só havia um indivíduo, o soldado que exagerou na vodca antes da parada. Passados quase quarenta anos dessa imagem, não me lembro de nenhum de seus colegas, mas me lembro perfeitamente dele.

Vibração por simpatia é trânsito intensivo de afetos que *co-move* corpos e lhes dá impulso para continuarem vibrando. O que se dá a ver num sistema ressonante, como a imagem da ponte que se contorce ao impulso do vento, ou a catástrofe da taça que se *co-move* com a voz da soprano, ou um discreto levantar de sobrelance, são apenas efeitos superficiais do trânsito de afetos que se dá no interior dos núcleos incandescentes e inacessíveis desses corpos, efeitos do apaixonamento recíproco desses corpos pela afinidade de suas frequências. Por baixo da pele da ressonância ou, precisamente, na profundidade dessa superfície, se pensada a partir da perspectiva de Paul Valéry (1960, p. 255) segundo a qual “a pele é o que há de mais profundo”, circulam fluxos de intensidades, feixes de forças conectivas que engajam e animam corpos de diferentes ordens a seguirem vibrando, ainda que, impulsionados a vibrar em intensidades que superem suas capacidades estruturais, entreguem-se à catástrofe.

6. Eco, reverberação, microfonia e *patologia da ressonância*

No início deste texto, descrevi a propagação de duas ondas com polaridades opostas que no Brasil de 2020 se entrecrocaram em turbilhão. A primeira onda, emitida a partir do núcleo necropolítico no Planalto Central, sustentava sua propagação pela resposta recebida de alguns mi-

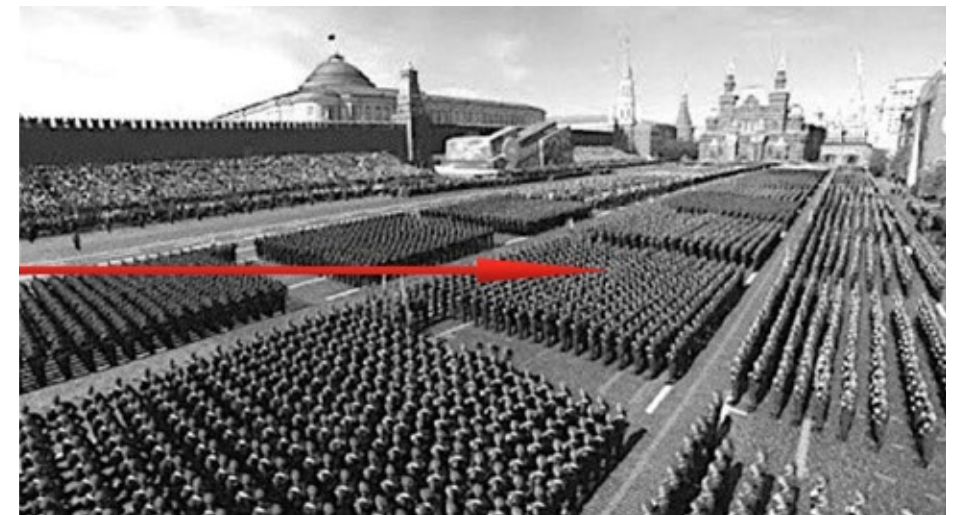


FIGURA 7.

lhões de corpos, aproximadamente 30% da população, segundo institutos de pesquisa. Imunes a qualquer denúncia sobre a natureza mortífera das frequências que disseminam e amplificam, os corpos postos à disposição na propagação da primeira onda não arrefeciam seu apoio. Comparados aos diferentes modos ressonantes que conformam a segunda onda, poderiam os modos relacionais dos corpos engajados na primeira onda serem considerados, igualmente, como ressonantes? Comparando a natureza das duas ondas e o modo como se propagam, seria possível que a elasticidade do princípio fosse tal que acomodasse modos de engajamento e propagação tão contrastantes? Haveria uma dimensão moral da ressonância? Descrita até aqui como fenômeno que engaja e anima a vibração de corpos de mesma frequência sem dissolver suas identidades, próximo a termos como *com-paixão*, *co-moção* e *con-sentir*, haveria uma ressonância com polaridade negativa, em desacordo com aqueles termos? O que aqui propõe-se é que não. Os corpos que propagam a primeira onda não operariam por ressonância, mas a partir de dois outros princípios com que o som percorre o espaço ao custo do tempo: o eco e a reverberação. Se na ressonância o desdobrar da resposta vibratória é imprevisível, o mesmo não ocorre com o eco e a reverberação. No eco, a resposta apenas repete o sinal original. Tampouco a reverberação, que é uma superposição de ecos com diferentes tempos de resposta, modula o sinal ou agrega a ele qualquer variação. Como, tanto no eco quanto na reverberação, a intensidade da vibração não se sustenta a partir de sua emissão, dissipando-se, inexoravelmente, até o repouso, o *input* de uma onda que se propague por eco ou reverberação precisa ser constantemente atualizado, como de fato ocorre no ritmo frenético de *fire hosing*⁴ operado pelo consórcio entre indivíduos orgânicos e tecnológicos, dispostos em estrutura piramidal com vértice no núcleo necropolítico e pro-

4 A expressão, em alusão às mangueiras usadas no combate a incêndios, significa um fluxo de grande vazão e em alta velocidade, impossível de ser resistido.



FIGURA 8.

gramados para disparos e encaminhamentos em massa.

Faltam aos sinais propagados por eco ou reverberação dois atributos, que são intrínsecos a sistemas ressonantes: independência e imprevisibilidade. Independência porque, na vibração por ressonância, dois ou mais corpos não fundem suas identidades em entidade única. Vibram na mesma frequência, mas a partir de suas diferentes vozes. No âmbito das relações sociais,

ressonância significa conceitualmente o encontro com um *outro* constitutivo, o que não significa uma relação de fusão ou de eco, na qual o sujeito só encontra a si mesmo. [...] Não se pode confundir ressonância com consonância ou fusão: ela não significa concordância, antes significa *resposta*, e, enquanto tal, engloba contradição e dissonância. (Rosa, 2019a, p. XL; grifos do original)

Evocando o clássico exemplo da soprano que faz vibrar uma taça de cristal até sua catástrofe, não é a voz da soprano que se ouve na taça. A taça, sim, ressoa a nota da soprano porque é a sua própria nota, mas com sua voz: ressoa a soprano com a voz própria do cristal. Imprevisibilidade porque, segundo Rosa,

ressonância só se dá na condição de um elo dinâmico [...]. Relações de ressonância são constitutivamente imprevisíveis em relação a seus resultados: o que deriva da transformação recíproca entre atores engajados em uma relação ressonante, que não se deixa antever. (Rosa, 2019a, p. 372)

Os sinais emitidos na primeira onda são, principalmente, memes, *fake news*, pseudoverdades, impulsionados por disparos em massa. Ao

contrário das variações intrínsecas aos sistemas ressonantes, tais sinais não se alteram ao longo da cadeia de propagação, chegando invariados ao ponto mais distante no alcance da onda. A própria ideia de meme, na natureza neodarwiniana do termo, reconhece os corpos que os armazenam e propagam como hospedeiros de unidades de informação que se replicam a si próprias. O reencaminhamento dessas mensagens no âmbito da primeira onda não implica engajamento crítico e ativo dos indivíduos-meio que se dão a dissolver no caldeirão do sincronismo de bando. Os corpos que recebem e redirecionam disparos sem operar neles alguma modulação participam do processo apenas como meio condutivo, da mesma forma que as moléculas de ar servem de meio para propagação do som, que ondula esse meio sem deslocá-lo. O meio condutivo não se desloca, assim como não modula ou varia o sinal recebido, apenas ondula para a sua passagem. O modo acrítico dos corpos que propagam sem modular o sinal irradiado, desindividuando-se em troca da potência de bando, permite que suas singularidades se fundam em um bloco compacto que articula corpos orgânicos e tecnológicos em sincronismo massivo. O sincronismo fusional aumenta a potência de bando, na razão direta da soma das potências individuais, mas descarta a possibilidade do *plus* que a ressonância produz, a sinergia, a parcela extra de uma energia de caráter relacional que excede a soma das energias das partes em um sistema ressonante, quando medidas em separado. Apesar dos contrastes, há, sim, um atributo em comum entre as duas ondas: a identidade entre frequências, da emissão à propagação. As “frequências” irradiadas do vértice da pirâmide só ecoam nos milhões de corpos porque já lhes habitam em latência. Esse aspecto comum entre a primeira e a segunda onda não basta para definir a ressonância, mas tipifica um outro fenômeno acústico-elétrico: a *microfonia*, a realimentação de uma frequência por ela própria num ciclo fechado. Se, “em relações de ressonância, os sujeitos são afetados por um *outro*” (Rosa, 2019a, p. 372; grifo do original), que os refere e lhes diz algo, na microfonia não há um *outro* a ser referido

e afetado mas simplesmente o *mesmo* empanturrando-se de si próprio até a saturação. O que se observa no modo relacional da primeira onda corresponde ao que Rosa considera como uma patologia da ressonância, descrita quando o autor reflete sobre os fatores que motivaram o engajamento massivo do povo alemão ao projeto político nazifascista:

Em minha perspectiva, é inevitável que o êxito político do fascismo, e em especial do nacional-socialismo, obedece justamente [ao fato de] que esses movimentos políticos sabiam apelar a um desejo de ressonância, amplamente verificado e profundamente enraizado no humano: em e através desses movimentos, a política [...] literalmente fazia soar e vibrar o mundo. Nos hinos, nas tochas, nos desfiles e na orquestração dos eventos de massa, com os juramentos festivos e os uniformes, os nazis punham em cena um tremendo espetáculo de ressonância que podia comover de forma “visceral” e imediata as pessoas; em uma esfera de ressonância (identitária), encenavam literalmente a “unidade do povo” [...] que torna evidente que o nacional-socialismo não pode ser descrito como um caso de relação (política) ressonante com o mundo, mas como um exemplo paradigmático de uma *patologia da ressonância* [...]. [O nazismo deve ser entendido] como uma advertência sobre certas condições que instauram um oásis ressonante (ou, ainda pior, câmaras de eco) de forma isolada, com uma encenação política e/ou estética, para satisfazer os anseios de ressonância em meio a relações com o mundo que, em todo o resto, são mudas, repulsivas ou indiferentes. (Rosa, 2019a, p. 284; tradução minha)

A entrega à fusão desindividualizante em troca de potência coletiva, a vinculação acrítica a um comando vertical e o abandono de qualquer traço de autonomia diante de uma fonte emissora tida como “mito” impedem que qualquer relação ressonante se instaure. Nesse contexto, a ressonância, com seus componentes intrínsecos de independência e

imprevisibilidade, adquire um caráter altamente subversivo ao controle abafador dos corpos e das frequências dissonantes que eles emitem e propagam.

7. Frequências de inconclusão: vibrações para além do fi

Entrar em ressonância é deixar-se arrebatado pela identificação de que a frequência de um corpo externo corresponde à sua própria, presente em latência. Sejam elas frequências acústicas, elétricas, objetivas e mesuráveis, ou subjetivas, “frequência de afetos” (Rolnik, 2018), ambas respondem da mesma forma, afetando e sendo afetadas quando expostas à vibração de uma contraparte afim. À patologia da ressonância que impulsiona a primeira onda respondem práticas insurgentes no âmbito da segunda, cujos agentes não apenas ondulam para a passagem de um sinal, mas se apropriam e modulam esses sinais, tornando-os próprios. A potência de contágio e desestabilização da vibração por simpatia, esse fenômeno subversivo do repouso que move e comove corpos em sintonia de frequências, que permite o trânsito gratuito de intensidades entre esses corpos sem que isso afete o contorno de suas singularidades, que permite que um corpo ative a vibração de outros pelo simples motivo de terem frequências em comum, não deve ser subestimada. Se a ressonância pode desintegrar pontes como a de Tacoma ou levar taças de cristal à catástrofe, um enxameamento de práticas ressonantes pode alcançar potência suficiente para também fazer ruir outras estruturas. No inverno de 2020, ameaçados pela virulência da fumaça-Xawara cuspidada por um vulcão ativo no planalto central do país, com a visão embaçada pela espessura da névoa tóxica do tempo a que se refere Preciado, a escuta emergiu, apurou-se e guiou o movimento de escape. Convém, entretanto, lembrar que quando uma frequência dispara vibração em outra, põe

a vibrar não apenas ela, a frequência fundamental, mas também a série harmônica que se desdobra a partir dela, seus parciais. No ressoar da frequência fundamental de um corpo, ressoam também seus harmônicos, em registros que ultrapassam o limite estreito da escuta fisiológica. Assim, o que faz da ressonância um fenômeno da ordem do imprevisível é a multiplicidade de frequências postas em vibração quando um corpo deixa o repouso, afetando e sendo afetadas por outra multiplicidade de frequências no espectro harmônico de outro corpo. Na falência da visão bloqueada pela fumaça sombria, o ouvido que sempre acolheu a imprevisão, na disponibilidade irrestrita que lhe é própria, abre-se então à escuta das vibrações insurgentes que emergem no horizonte sensível.

REFERÊNCIAS

CAESAR, Rodolfo. A escuta como objeto de pesquisa. **Opus # 7**, Rio de Janeiro, ISSN 1517 - 7017, set. 2000.

CAESAR, Rodolfo. **O enigma de Lupe**. Copenhagen: Zazie Edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. São Paulo: N-1, 2016.

LABELLE, Brandon. **Agência Sônica**. Tradução de Camila Porto. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2022.

NEGRI, Toni; HARDT, Michael. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, Toni; HARDT, Michael. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1, 2016.

ROLNIK, Sueli. **Esferas da insurreição**. São Paulo: N-1, 2018.

ROSA, Hartmut. **Resonancia: una sociologia de la relación con el mundo**. Buenos Aires: Katz, 2019a.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019b.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Amazônia transcultural: xamanismo e tecnociência na ópera**. São Paulo: N-1, 2013.

VALÉRY, Paul. **Ouvres**. Paris: La Pleiade, 1960. v. II.

Data de submissão:13/11/2024

Data de aceite: 07/01/2025

Data de publicação: 23/04/2025